



II Jornada Discente de Comunicação: Pesquisa em tempo de crise

DESCOLONIZAR A COMUNICAÇÃO COLOCANDO O CÚ NA RELA... RELAÇÃO

Vicente de Paula Nascimento Leite Filho¹

Resumo: Estas reflexões visam reconhecer potência na fragilidade/exposição do corpo, através das vias anais/marginais, como estopim de relações calcadas em uma comunicação anti-colonial e redistribuidora de violências percorrendo os estudos de gênero e noções de desconstrução neste processo.

Palavras-chave: cú; corpo; comunicação; relação; descolonização

“Não queremos convidar a nenhum filósofo que não põe o corpo na trincheira”. Esta é uma sentença proferida pelo cú da artista Pedra Costa exibido em vídeo na fala “*Arte ‘Kuir’: descolonialidades e dissidências sexuais no contexto da arte tupiniquim*” que aconteceu no Centro de Pesquisa do SESC em São Paulo no dia 21/03/2016 com Nico Dantas e Jota Mombaça. Após o pronunciamento anal de Pedra, Jota se posiciona “de quatro” na mesa e inicia sua fala sobre as formas que os corpos não brancos e dos trópicos acionam e reverberam os discursos e teorias produzidas em torno das teorias *queer*, fazendo a crítica destes estudos no Brasil. Interessa-nos aqui os desdobramentos destas críticas nos estudos de corpo comunicação.

O debate sobre a inserção discursiva destes corpos acontece aqui a partir das práticas intelectuais relacionadas às teorias de gênero (feministas e a emblemática teoria *queer*) e ao que tem se chamado de *pós-pornô* (LLOPÍS, 2010) ou *pornoterrorismo*, como importantes rupturas nos paradigmas hegemônicos de conhecimento. Tais saberes subversivos têm fissurado as estruturas da ciência positivista, propondo novos arranjos relacionais que aliados aos debates de *interseccionalidade* (gênero, raça e classe) desestabilizam os atuais padrões que determinam, avaliam e punem com condenações excludentes quaisquer discursos não vinculados aos saberes dominantes. A ideia de desconstrução (DERRIDA, 2009) formulada por pensadores contemporâneos junto com outras visões e metodologia busca aqui investigar aparatos e vozes emergentes que surgiram no seio das discussões sobre gênero (PRECIADO,

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UnB na linha Imagem, Som e Escrita. Orientador: Gustavo de Castro; e-mail: vincejornart@gmail.com



II Jornada Discente de Comunicação: Pesquisa em tempo de crise

2014) e feminismo, desconstruindo a polêmica teoria *queer* (BUTLER, 2010) em teoria cú - kuir- (MOMBAÇA, 2015), recolocando o corpo e a experiência em contradições e conexões com o pensamento racional moderno, reposicionando a crítica antropofágica (ANDRADE, 1978) num embate direto ao colonialismo artístico, midiático e comunicacional.

Comunicação pode ser uma forma de revelar nosso olhar sobre o mundo através de um estado de estar junto. Castro e Dravet (2014) apontam fundamentos do princípio *com* ligado ao compartilhamento, encontro... *ser-aí*. Braga (2011) traz a perspectiva interacional; GREINER (2005) recorre a Mattelard para tratar dos percursos comunicativos do corpo como processos de mediação.

Comunicar é compartilhar pensamento através de uma ação... de um estado de estar junto para transmissão e traduções das nossas observações que se fazem pertinentes ao meio social. A maneira que esta ação acontece está calcada em regras bastante definidas. Contudo, o ruir de uma estrutura enrijecida das práticas comunicativas parece ser cada vez mais latente.

Vivenciamos um momento de reorganização das relações. A desorganização das relações do *eu com o outro* tensionadas colocam em cheque o poder e o privilégio que têm articulado formas de estar junto que impulsionam uma presença do corpo avassaladora que rompe com as estéticas de controle e distanciamento dos processos comunicativos. A materialidade dos processos se confronta com a abstração e virtualidade gerando outras formas de proximidade, intenção, sentidos e em corolário de comunicação. Devemos nos questionar se as práticas comunicativas representam de fato esses arranjos relacionais do corpo com o mundo que deriva pelas sombras e se lança em lugares obscuros e repudiados, que seria este lugar do abjeto, do tabu... do cú. (COLLING; LEOPOLDO, 2016).

Larissa Pelucio (2014) em sua leitura do processo de apropriação da teoria *queer* nos trópicos propõe uma operação antropofágica do pensamento para deglutir o conceito no Brasil através de uma espécie de procedimento além tradução que chamou de teoria cú, fazendo inclusive referência a nossa posição periférica de “cú do mundo”. Estabelece uma relação do *queer* com o cú, posto que ambos “excitam” e “repelem.” Estas teorias nos provocam a refletir sobre que comunicação (incluindo teorias e métodos de pesquisa em comunicação) é



II Jornada Discente de Comunicação: Pesquisa em tempo de crise

estranhamente excitante e repelida. Que produtos e processos comunicacionais se inscrevem nesta estética abjeta/marginal? Existe uma comunicação cú que volta seu olhar para este universo excluído? Percorrer as teorias de gênero e outras concepções que vasculham estas relações do corpo estranho (*queer* ou cú) é um dos caminhos a serem investigados neste processo.

Para realização deste trabalho utilizamos pesquisa bibliográfica com inferências reflexivas sobre alguns exemplos com desdobramentos midiáticos.

Aqui fissuramos um espaço de análise para desmistificar os tabus e o controle exercido sobre os corpos como chave da sustentação social vigente apontado para outros percursos que subvertem esta lógica e deslocam possibilidades do corpo e comunicação.

Estes escritos pretendem apontar que uma das fortuitas formas de sacudir com o pensamento sentado (BAITELLO, 2012) se dá pelo rabo. Espichamos o rabo da arte e da comunicação observando ressonâncias que culminem num pensamento comunicacional mais que dinâmico... reboativo.

Referências

ANDRADE, Oswald de. **Do pau-brasil à Antropofagia e às utopias**. Rio de Janeiro Civilização Brasileira, 1978, 2ª edição;

BAITELLO, Norval. **O pensamento sentado sobre glúteos, cadeiras e imagens**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2012.

BRAGA, José Luiz. **Constituição do campo da comunicação**. Verso e Reverso. XXV(58), jan./abr. 2011. p. 62-77.

COLLING, Leandro; LEOPOLDO, Rafael. **Pelo cu: políticas anais: por uma ética da passividade**. Medium, 2016 <<https://medium.com/@ralasfer/pelo-cu-pol%C3%ADticas-anais-por-uma-%C3%A9tica-da-passividade-884fb5cf8140>> Acesso em: 08/06/2018;

BUTLER, Judith. **“Corpos que pesam sobre os limites discursivos do sexo”**. IN: O corpo educado: pedagogias da sexualidade / Guacira Lopes Louro (organizadora); Tradução: Tomaz Tadeu da Silva - 3ª ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

Anais da II Jornada Discente de Pesquisa em Comunicação, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília. Realizada de 15 a 17 de agosto de 2018.



II Jornada Discente de Comunicação: Pesquisa em tempo de crise

CASTRO, Gustavo; DRAVET, Florence. **Comunicação e Poesia: Itinerários do aberto e da transparência**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2014.

DERRIDA, Jacques. **A escritura e a diferença**. São Paulo: Perspectiva, 2009. 4ª edição;

GREINER, Christine. **O corpo: pistas para estudos indisciplinados**. São Paulo: ANNABLUME, 2005.

LLOPÍS, Maria. *El postporno era eso*. Espanha. Editorial Melusina, 2010.

MOMBAÇA, Jota. **Pode um cú mestiço falar?**, Medium, 2015
<<https://medium.com/@jotamombaca/pode-um-cu-mestico-falar-e915ed9c61ee>> Acesso em:
10/06/2018;

PELUCIO, Larissa. **Traduções e torções ou o que se quer dizer quando dizemos queer no Brasil?** Salvador, Revista Periódicus 1ª edição, maio-outubro de 2014. Disponível em:
<<https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/10150>>

PRECIADO, Beatriz. **Manifesto Contrassexual**. Tradução: Maria Paula Gurgel Ribeiro São Paulo: N-1 Edições, 2014.

_____. **Terror anal**. Espanha: Editora Melusina, 2009.